

BPC MONITOR

OS IMPACTOS DA PANDEMIA NOS FLUXOS DE INVESTIMENTOS DOS PAÍSES BRICS:

uma análise preliminar a partir dos relatórios sobre
investimentos globais da UNCTAD



SOBRE O BRICS POLICY CENTER

O BRICS Policy Center / Centro de Estudos e Pesquisas BRICS (BPC), *think tank* vinculado ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI/PUC-Rio), é um centro de reflexão independente, não partidário e sem fins lucrativos na cidade do Rio de Janeiro.

O BPC tem como missão contribuir para o avanço de uma agenda de desenvolvimento, ampliação de direitos e promoção da igualdade nos países do sul global, por meio da produção de conhecimento crítico e relevante para o debate público acerca das transformações em curso no sistema internacional e seus desdobramentos nos planos local, nacional e regional.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor (a) (es) (as), não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

EQUIPE BPC

Diretor do Instituto de Relações Internacionais
Luis Manuel Fernandes

Diretora do BRICS Policy Center
Ana Saggiaro Garcia

Conselho Acadêmico
Paulo Esteves
Maria Elena Rodriguez
Luis Manuel Fernandes

Coordenadora Administrativa
Lia Frota e Lopes

Assistente de Projetos
Luana Freitas

Gerente de Projetos
Clara Costa

Assistente de Comunicação
Miguel Herman



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

10
ANOS
2011 - 2021

Autores

Ana Garcia
Rafaela Mello
Victor Fernandes
Maria Eduarda Lopes
João Carmino
Felipe Queiroz

Layout e Diagramação

Vinicius Kede
Luiza Lima Furtado

BPC Policy Brief V.12 N. 6 - Outubro/2022

Rio de Janeiro. PUC. BRICS Policy Center
ISSN: 2318-1818

28p; 29,7 cm

1. BRICS; 2. Investimento Externo Direto;
3. Pandemia

SUMÁRIO EXECUTIVO

Em 2020, com o advento da pandemia, as ações de lockdown e isolamento social implementadas pelos governos com o intuito de conter o contágio do vírus, provocaram impactos nas economias, reduzindo a velocidade de execução dos projetos de investimentos realizados e dificultando a prospecção de novos. Nesse sentido, o fluxo de investimentos diretos em todo o mundo sofreu uma queda de 35% em 2020, alcançando US\$ 1 trilhão, frente a US\$ 1,5 trilhão atingido no ano anterior, de acordo com a UNCTAD. A partir disso, a presente pesquisa visa compreender as principais tendências em torno do fluxo de investimento relacionados aos países BRICS, com o intuito de avaliar de que forma a pandemia de Covid-19 impactou a dinâmica de investimentos no mundo, e principalmente, nas economias emergentes. Para isso, foram analisados os relatórios produzidos pela UNCTAD de 2019 a 2022 no que tange os fluxos globais de investimento, com o objetivo de compreender como estava o cenário antes da pandemia e quais dinâmicas estavam em curso antes da crise sanitária, mas também permitiu entender quais transformações ocorreram com o decurso da pandemia, além de sinalizar caminhos e tendências para o futuro.

PALAVRAS CHAVE

1. BRICS; 2. Investimento Externo Direto; 3. Pandemia

ÍNDICE

5	1. APRESENTAÇÃO
7	2. CHINA
7	2.1 ANTES DA PANDEMIA
9	2.2 NOS PRIMEIROS ANOS DA PANDEMIA
11	3. BRASIL
11	3.1 ANTES DA PANDEMIA
13	3.2 NOS PRIMEIROS ANOS DA PANDEMIA
15	4. ÍNDIA
16	4.1 ANTES DA PANDEMIA
16	4.2 NOS PRIMEIROS ANOS DA PANDEMIA
18	5. ÁFRICA DO SUL
18	5.1 ANTES DA PANDEMIA
19	5.2 NOS PRIMEIROS ANOS DA PANDEMIA
21	6. RÚSSIA
23	6.1 NOS PRIMEIROS ANOS DA PANDEMIA
26	6.2 O CONFLITO NA UCRÂNIA
	7. REFERÊNCIAS
	SOBRE OS/AS AUTORES/AS

OS IMPACTOS DA PANDEMIA NOS FLUXOS DE INVESTIMENTOS DOS PAÍSES BRICS:

uma análise preliminar a partir dos relatórios sobre investimentos globais da UNCTAD

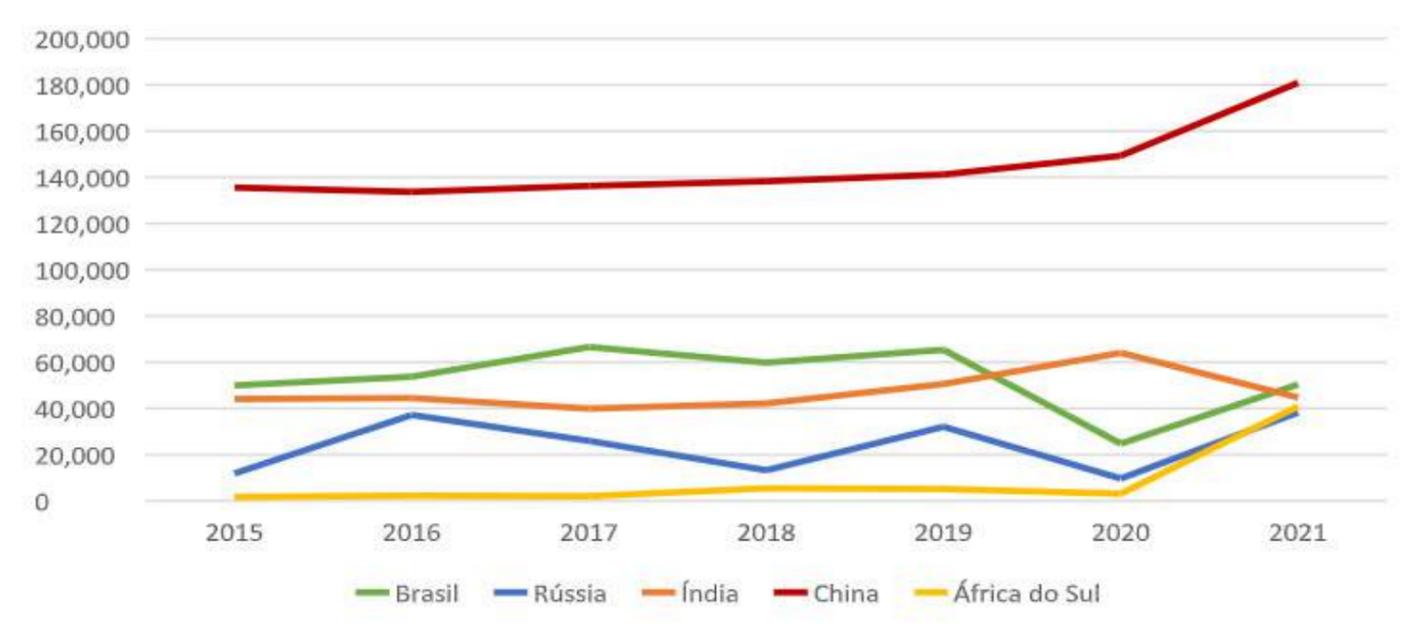
Ana Garcia,
Rafaela Mello
Victor Fernandes
Maria Eduarda Lopes,
João Carmino
Felipe Queiroz

1. APRESENTAÇÃO

A pandemia da Covid-19, iniciada em 2020, impactou amplamente as economias no mundo. O fluxo global de investimentos diretos sofreu uma queda de 35% em 2020, alcançando US\$ 1 trilhão, frente a US\$ 1,5 trilhão atingido no ano anterior (UNCTAD, 2021, p. 02). A presente pesquisa visa apresentar os impactos da pandemia nos fluxos de entrada e saída de investimento externo direto (IED) nos países que compõem os BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Para isso, foram analisados os quatro últimos relatórios sobre investimentos globais da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, ou UNCTAD. Foram analisados os relatórios de 2019, 2020, 2021 e 2022, com o objetivo de compreender o quadro no período anterior à pandemia e as mudanças no decurso de dois anos da crise sanitária em cada um dos cinco países. Cabe ressaltar que, enquanto Brasil, Rússia e África do Sul estiveram entre as economias mais afetadas pela crise, com a forte redução da entrada de IED, a China (e, em parte, Índia) manteve uma curva relativamente ascendente dos fluxos de investimento.

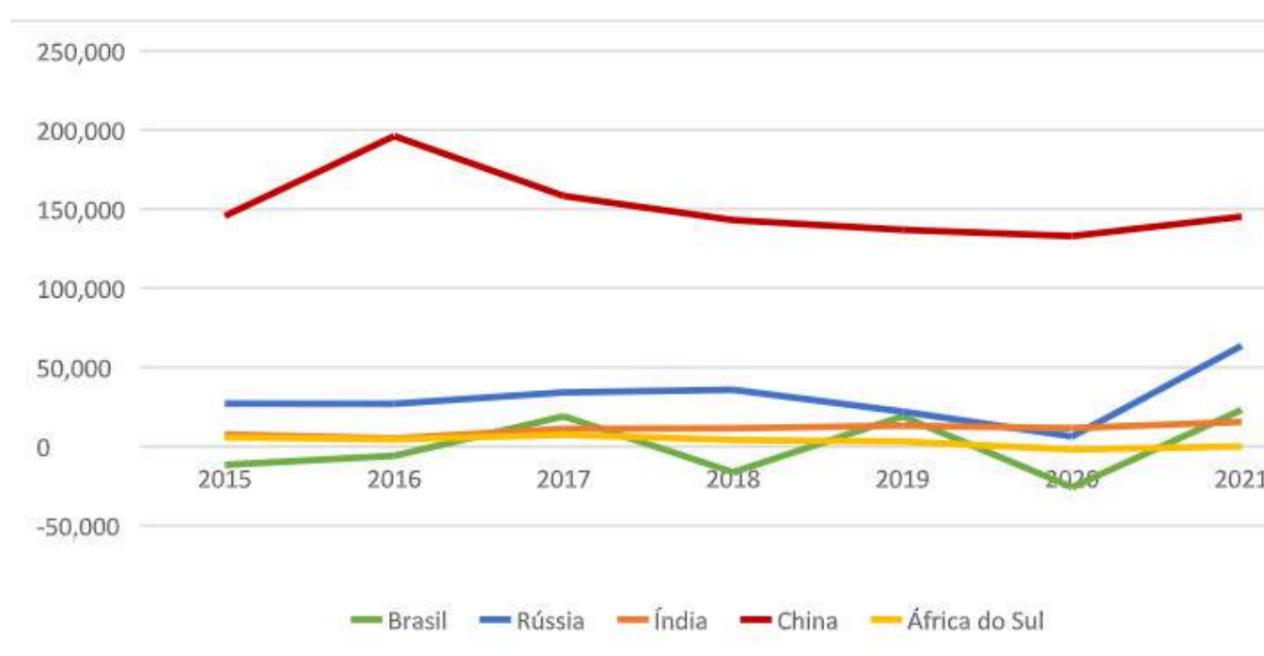
Nos gráficos 1 e 2 mostramos a evolução da entrada e saída de investimentos nos países BRICS entre 2015 e 2021. A seguir, apresentamos o cenário sobre investimentos em cada um dos cinco países BRICS através da análise dos relatórios anuais da UNCTAD. No caso da Rússia, traremos alguns pontos adicionais sobre os impactos da guerra na Ucrânia.

Gráfico 1. Fluxo de Entrada de Investimento Direto nos países dos BRICS (2015-2021)



Fonte: Elaboração própria com base em: UNCTAD, 2019, p. 213-215; UNCTAD 2020, p. 239-241; UNCTAD 2021, p. 249-251; UNCTAD 2022, p. 210-212.

Gráfico 2. Fluxo de Saída de Investimento Direto dos países dos BRICS (2015-2021)



Fonte: Elaboração própria com base em: UNCTAD, 2019, p. 213-215; UNCTAD 2020, p. 239-241; UNCTAD 2021, p. 249-251; UNCTAD 2022, p. 210-212.

2. CHINA

A China se destaca nos relatórios de investimento global da UNCTAD, posicionando-se nos primeiros lugares nos rankings de entrada e de saída de investimento externo direto (IED), bem como nas análises das maiores multinacionais e nos projetos de investimentos. Na tabela abaixo, mostramos o desempenho da China no ranking global de fluxos de entrada e saída de IED em 2018, 2019, 2020 e 2021:

Tabela 1: Posição da China no Ranking Global de Investimentos

China	2018	2019	2020	2021
Fluxo de Entrada de Investimentos	2º lugar (US\$ 139 bilhões)	2º lugar (US\$ 141 bilhões)	2º lugar (US\$ 149 bilhões)	2º lugar (US\$ 181 bilhões)
Fluxo de Saída de Investimentos	2º lugar (US\$ 130 bilhões)	4º lugar (US\$ 117 bilhões)	1º lugar (US\$ 133 bilhões)	4º lugar (US\$ 145 bilhões)

Fonte: Elaboração própria com base em: UNCTAD, 2019, p. 04-07; UNCTAD 2020, p. 12-15; UNCTAD 2021, p. 05-07; UNCTAD 2022, p. 09-

21.

2.1 Antes da pandemia

Em 2018, podemos observar a posição do continente asiático como a principal região receptora de IED do mundo, registrando, um aumento de 4%, com US\$ 512 bilhões, absorvendo 39% dos fluxos de investimentos globais (UNCTAD, 2019, p. 03; 12). Grande parte deste montante representa o *inflow* de investimento estrangeiro na China, que atraiu US\$ 139 bilhões, sendo considerada o segundo maior país receptor de investimentos, atrás apenas dos Estados Unidos (UNCTAD, 2019, p. 03-04). Estes investimentos são oriundos, principalmente, de países asiáticos como Hong Kong, Coreia do Sul e Singapura, e países europeus, como Reino Unido e Alemanha. Por outro lado, é importante destacar a redução de US\$ 4 bilhões de IED dos Estados Unidos para a China, em 2018 (UNCTAD, 2019, p. 42).

Já em 2019, os *inflows* de IED para a Ásia sofreram redução de 5%, porém, a região continuou sendo o principal destino dos investimentos, atraindo 30% do fluxo global, com US\$ 474 bilhões. Este declínio estaria relacionado a uma redução dos investimentos direcionados à Ásia Oriental, principalmente Hong Kong e Coreia do Sul (UNCTAD, 2020, p. 38).

Apesar disso, o fluxo direcionado à China aumentou, alcançando US\$ 141 bilhões, de modo que o país asiático manteve a segunda posição global dentre os países que mais atraíram IED (UNCTAD, 2020, p. 12). É importante destacar que os fluxos oriundos dos Estados Unidos e da Europa para a China diminuíram, porém os investimentos intrarregionais aumentaram (UNCTAD, 2020, p. 42)

Em relação aos *outflows* de investimentos, há uma tendência de queda dos fluxos do continente asiático, ainda que a região seja considerada uma fonte significativa de investimentos. Ela representou 40% do fluxo global de saída de IED em 2018 com US\$ 401 bilhões (UNCTAD, 2019, p. 16). Essa relativa queda continuou em 2019, com uma redução de 19%, totalizando US\$ 328 bilhões (UNCTAD, 2020, p. 45). Esta situação está relacionada à diminuição dos investimentos chineses no mundo por três anos consecutivos, desde o pico em 2016, que é resultado das contínuas políticas de restrições de saída de investimentos do país, realizadas pelo governo chinês, bem como do ambiente desafiador em termos de comércio global e política de investimentos (UNCTAD, 2020, p. 14).

Apesar disso, é importante destacar que a China, junto aos Estados Unidos, é considerada uma das principais fontes de investimento externo global, conforme pesquisa realizada pela instituição (UNCTAD, 2019, p. 16). A China figura no ranking das 10 maiores economias que investem em diversas regiões, como na África, na Ásia, nas economias de transição, nos países menos desenvolvidos e nos países sem saída para o mar, de acordo com as categorias regionais aplicadas pela instituição. A UNCTAD aponta que “as fusões e aquisições chinesas diminuíram globalmente para uma baixa recorde nos últimos 10 anos” (UNCTAD, 2020, p. 45, tradução livre). Em 2018, houve uma redução de 18% do IED chinês, totalizando US\$ 130 bilhões (UNCTAD, 2019, p. 45). Já em 2019, houve mais uma queda de 18%, chegando a US\$ 117 bilhões (UNCTAD, 2020, p. 45).

Esta tendência fez com que a China saísse da segunda posição das economias que mais investem em 2018, para a quarta posição em 2019 (UNCTAD, 2020, p. 15). Além disso, os investimentos das multinacionais chinesas pelo mundo também diminuíram, como resultado das políticas do governo para regular as saídas de investimento para o exterior (UNCTAD, 2019, p. 06). No entanto, apesar desta tendência de queda, os investimentos chineses nos países da ASEAN e nos países que participam da *Belt and Road Initiative* (BRI) continuaram crescendo em 2018 (UNCTAD, 2019, p. 45).

Ademais, das sete empresas que entraram no ranking de 2018 da UNCTAD das 100 maiores multinacionais, três eram chinesas: Chem China, State Grid e China MinMetals (UNCTAD, 2019, p. 19). É importante mencionar também a presença de empresas chinesas do setor de tecnologia, cujo aumento da taxa de internacionalização

compensou a queda das multinacionais da indústria pesada, com destaque para o papel crescente da Huawei nas redes globais de telecomunicações e do aumento dos ativos estrangeiros da Tencent e da Legend Holding (UNCTAD, 2020, p. 23-24).

2.2 Nos primeiros anos da pandemia

Em projeções realizadas no primeiro trimestre de 2020, havia indícios que a pandemia iria afetar a China severamente, com uma forte contração da economia ocasionada pelas medidas para conter o coronavírus, contribuindo também para uma vulnerabilidade na cadeia logística de suprimentos, dado o papel relevante da China e de outras economias asiáticas na produção internacional (UNCTAD, 2020, p. 38).

Entretanto, considerando as condições após este momento inicial, foi notória a posição do continente asiático que, na contramão do mundo, registrou um aumento de 4% nos *inflows* de investimentos no mundo, com US\$ 335 bilhões, representando 54% do total. Este crescimento está relacionado a uma recuperação dos fluxos em direção a Hong Kong, após uma queda em 2019. Além disso, este aumento se deve a um incremento dos investimentos nas maiores economias da Ásia: China e Índia (UNCTAD, 2021, p. 48).

Com base nisso, é importante destacar o crescimento do *inflow* de investimentos na China, em 2020, com aumento do fluxo em 6%, alcançando US\$ 149 bilhões. Isto se deve ao crescimento econômico resiliente do país asiático, que mesmo em condições adversas, manteve os esforços de facilitação e liberalização de investimentos (UNCTAD, 2021, p. 5). O crescimento resiliente também está conectado à rápida recuperação do país após o gerenciamento do avanço da pandemia em seu território. A aceleração e o aumento do IED direcionado à China ocorreram principalmente no setor da tecnologia (UNCTAD, 2021, p. 48). Dessa maneira, a manutenção da tendência de crescimento dos fluxos de investimentos em direção à China fez com que o país ficasse em segundo lugar no ranking global, atrás dos Estados Unidos com uma diferença de apenas US\$ 7 bilhões (UNCTAD, 2021, p. 5).

No que se refere aos *outflows* de investimentos, a Ásia foi a única região do mundo que registrou crescimento, com um aumento de 7%, totalizando US\$ 398 bilhões. Esse movimento foi impulsionado por significativos fluxos de saída no Leste e Sudeste Asiático (UNCTAD, 2021, p. 51).

Os investimentos oriundos da China registraram, porém, uma queda de 3%, com US\$ 133 bilhões, mantendo a tendência dos últimos anos¹. Apesar disso, em 2020, a China se tornou o maior investidor do mundo, considerando a diminuição dos fluxos nos outros países, que foram ainda maiores que a queda da economia chinesa.

Nesse sentido, essa pequena diminuição do IED chinês foi estabilizada pelas fusões e aquisições realizadas por empresas chinesas e pela contínua expansão da *Belt and Road Initiative* (UNCTAD, 2021, p. 7). Além disso, o relatório aponta o estabelecimento da Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP, em inglês) como uma plataforma que favoreceu a atração de IED para a região da Ásia e poderá ser uma plataforma importante para o cenário de recuperação pós-pandemia (UNCTAD, 2021, p. 53).

Cabe destacar ainda as políticas de facilitação de investimentos realizadas pela China. Em 2019, o país asiático promulgou uma “Lei de Investimento Estrangeiro que visa melhorar a transparência das políticas de IED e a proteção do investimento” (UNCTAD, 2020, p. 100, tradução livre). Esta lei, que entrou em vigor em 01 de janeiro de 2020, sinaliza para a intenção do país de fornecer tratamento igual para empresas nacionais e estrangeiras (UNCTAD, 2021, p. 116). Além disso, a China também alterou sua “lista negativa”, possibilitando a remoção ou flexibilização de restrições à entrada de investimentos estrangeiros em diversos setores, como serviços financeiros, manufatura, agricultura, fundição de minerais radioativos e indústria farmacêutica (UNCTAD, 2021, p. 118).

Em 2021, o continente asiático continuou registrando aumentos da entrada de investimentos, alcançando 40% dos fluxos globais, com um total de US\$ 619 bilhões, tornando-se a maior região receptora de investimentos no mundo. Entretanto, esse crescimento está concentrado em apenas 6 países, que totalizam 80% dos investimentos: China, Hong Kong, Singapura, Índia, Emirados Árabes Unidos e Indonésia (UNCTAD, 2022, p. 13).

Na China, a entrada de IED cresceu 21%, com um total de US\$ 181 bilhões em 2021, após um crescimento de 6% em 2020. Este significativo aumento de *inflows* em está direcionado principalmente aos setores de serviços e de tecnologia, com um aumento de 24% no número de empresas estrangeiras investindo na China, alcançando 48.000 empresas (UNCTAD, 2022, p. 13-14). O contínuo crescimento da entrada de IED no país é fruto de diversas políticas para abrir sua economia, por exemplo, a diminuição de setores proibidos e o incentivo aos investidores estrangeiros a estabelecerem sedes regionais para gestão de fundos, aquisição e vendas (UNCTAD, 2022, p. 62).

¹ Para afirmar essa tendência de queda, o relatório utiliza uma versão atualizada dos valores do período anterior, em que se registrou US\$ 136 bilhões em 2019.

No que tange à saída de investimentos, apesar do cenário de crise pandêmica, o continente asiático permaneceu na posição de maior fonte de investimentos, apresentando um aumento de 4%, com US\$ 394 bilhões em 2021. Apesar deste aumento na região, os investimentos chineses para o mundo permaneceram em tendência de queda, com US\$ 145 bilhões em 2021, que representa um declínio de 6% do período anterior (UNCTAD, 2022, p. 20-21). Cabe ressaltar que o fluxo de IED na China em 2022 poderá ser afetado pela nova onda de lockdown em diversas regiões do país, gerando impactos na produção industrial e na cadeia de suprimentos globais (UNCTAD, 2022, p. 14).

3. BRASIL

Com base nos relatórios da UNCTAD dos últimos quatro anos, verificamos as variações na posição do Brasil na dinâmica dos fluxos de investimento globais, buscando comparar os efeitos da pandemia na entrada e saída de investimento externo direto (IED) no país. Na tabela a seguir, mostramos o desempenho do Brasil no ranking global de fluxos de investimento (entrada e saída de IED) em 2018, 2019, 2020 e 2021.

Tabela 2: Posição do Brasil no Ranking Global de Investimentos

Brasil	2018	2019	2020	2021
Fluxo de Entrada de Investimentos	6º Lugar (US\$ 61 bilhões)	9º Lugar (US\$ 72 bilhões)	6º lugar (US\$ 25 bilhões)	9º lugar (US\$50 bilhões)
Fluxo de Saída de Investimentos	US\$ -13 bilhões	US\$ 15 bilhões	US\$ -26 bilhões	US\$23 bilhões

Fonte: Elaboração própria com base em UNCTAD, 2019, p. 04; 53; UNCTAD 2020, p. 51-53; UNCTAD 2021, p. 58-62; UNCTAD, 2022, p.

210-212

3.1 Antes da pandemia

Em 2018, o Brasil havia caído uma posição no ranking internacional de entrada de IED, ficando em 7º lugar. Isso porque registrou declínio de -9,4% em relação ao ano anterior, atingindo a marca de US \$61 bilhões (UNCTAD 2019, p. 214). A redução do fluxo de investimento para o Brasil explicou uma grande parte do declínio de investimentos na América Latina, uma vez que o país representa 42% do fluxo total de investimentos para a região

(UNCTAD, 2019, p. 48). Poucas indústrias apresentaram crescimento nos fluxos de IED, com destaque para os setores extrativos (óleo, gás e mineração). Na indústria de transformação, o IED em minerais não metálicos duplicou de volume, e o setor automotivo manteve a trajetória de crescimento apresentada nos últimos anos, atingindo nível recorde de US\$4,5 bilhões. No setor de serviços, fluxos positivos em Tecnologia de Informação e Comunicação (TI & C), e em serviços financeiros, atingiram US\$2 bilhões e US\$3,5 bilhões respectivamente, o dobro do valor apresentado em 2017 (UNCTAD 2019, p. 50).

Ainda em 2018, os fluxos de saída de IED do Brasil caíram para \$13 bilhões negativos, uma vez que as filiais estrangeiras continuaram a canalizar recursos (muitas vezes financeiros, obtidos em mercados de capitais estrangeiros) de volta aos seus países de origem sem reinvesti-los. Detaca-se desinvestimento da Marfrig Global Foods, com sede nos Estados Unidos filiada à Keystone Foods, do ramo alimentício, com volume de US\$2 bilhões (UNCTAD 2019, p.53). Segundo a UNCTAD, investidores estrangeiros ainda aguardavam sinais mais claros da condução da política econômica e da agenda de reformas (UNCTAD 2019, p.50)

Já em 2019, o Brasil recebeu US\$75 bilhões em investimentos estrangeiros, contra US\$60 bilhões em 2018 (UNCTAD 2020, p. 50). Este montante equivale a mais da metade dos US\$119 bilhões que a América do Sul recebeu no mesmo ano. Segundo o relatório da UNCTAD, o aumento de investimentos estrangeiros no Brasil ocorreu, em parte, por causa do programa de privatizações, que se concentrou na venda de subsidiárias de estatais e de participações acionárias do governo em empresas privadas. A UNCTAD destacou que:

O Brasil registrou aumento de 26%, para US\$75 bilhões, parcialmente impulsionado pelo programa de privatizações lançado em julho como parte dos esforços da administração para acelerar a economia. A primeira dessas privatizações envolveu uma companhia de distribuição de gás – Transportadora Associada de Gás – comprada por um consórcio de investidores liderado pela francesa Engie por quase US\$8,7 bilhões (UNCTAD, 2020, p.51, tradução livre).

No que tange à saída de IED, o investimento externo das multinacionais brasileiras também aumentou em 2019, apoiada sobretudo pela queda da taxa de juros doméstica. Naquele ano, houve aquisições importantes como a da companhia de varejo alimentício e não alimentício Lojas Éxito (Colômbia) e do Groupe Casino (França) pelo grupo Cia Brasileira de Distribuição por US\$1,1 bilhão. (UNCTAD 2020, p.53)

A previsão, em 2019, era de que o país continuasse o programa de privatizações em 2020, com a expectativa de que o país continuasse a receber investimentos externos. O relatório afirma que “Em 2020, os desinvestimentos em subsidiárias de companhias estatais deverão ganhar força; a privatização de grandes companhias como a Eletrobras, a maior empresa elétrica da América Latina, e da Telebras devem provavelmente atrair muito mais investimentos estrangeiros diretos”. (UNCTAD, 2020, p. 51, tradução livre). Todavia, este programa foi interrompido pela crise sanitária.

3.2 Nos primeiros anos da pandemia

O relatório de 2020, que já considera os efeitos da pandemia nos seus primeiros meses, alertou que a venda de ativos, privatizações, novos investimentos e explorações no Brasil sofreria atrasos (UNCTAD, 2020, p. 49). O documento mostra que, no primeiro trimestre de 2020, o investimento estrangeiro na extração de petróleo e gás tinha diminuído 77% e o IED deste mesmo primeiro trimestre tinha caído em torno de 64% no país. O documento também alerta para o fato de que o país seria prejudicado pela desaceleração da demanda global, sobretudo dos seus principais parceiros comerciais, China e EUA, que são grandes importadores de matéria prima de países da América do Sul, como Brasil, Argentina e Equador (UNCTAD, 2020, p. 48). Neste sentido, a combinação do colapso dos preços do petróleo e o choque da demanda, iria incidir sobre as previsões de IED na América Latina e sobretudo no Brasil. As condições de partida relativamente fracas, devido a vulnerabilidades estruturais e a incerteza política, também poderiam tornar a região mais exposta ao choque da pandemia da Covid-19 (UNCTAD, 2020, p. 9).

Já o relatório de 2021, que cobre todo o ano de 2020 com a pandemia, mostrou que o investimento estrangeiro no Brasil despencou 62% naquele ano. O volume de investimentos estrangeiros somou US\$ 25 bilhões – o menor patamar em duas décadas, “drenado” pelo desaparecimento de investimentos na extração de petróleo e gás natural, fornecimento de energia e serviços financeiros (UNCTAD, 2021, p. 58). Com a queda, o Brasil também caiu no ranking dos países que mais recebem investimento estrangeiro direto: da 9ª posição em 2019, passou ao 11º lugar em 2020. Embora o movimento tenha sido sentido com mais força no Brasil, ele foi global: em todo o mundo, o fluxo de investimento estrangeiro direto caiu 35% em 2020, para US\$ 1 trilhão, ante US\$ 1,5 trilhão no ano anterior – retornando ao patamar de 2005 (UNCTAD 2021, p.255).

Entre o grupo das economias em desenvolvimento, o resultado foi bastante desigual, com o Brasil apresentando um desempenho negativo em relação aos demais países: a América Latina e Caribe viu o fluxo recuar 45%

em 2020. No mesmo período, os fluxos tiveram queda de 33% no Chile, 46% na Colômbia, e de 38% na Argentina (UNCTAD, 2021, p. 56).

Já o investimento externo direto das multinacionais da América Latina entrou em colapso em 2020, registrando um desinvestimento global de US\$3,5 bilhões. Isto se deve principalmente à contração profunda em atividade econômica e formação de capital fixo destas empresas. O colapso foi causado, em grande parte, por saídas negativas de empresas brasileiras (US\$26 bilhões negativos), que continuaram a angariar fundos através das suas filiais no estrangeiro (UNCTAD, 2021, p.62).

Esperava-se para 2021, segundo o relatório do mesmo ano, que os fluxos de investimento na região latino-americana permanecessem em um nível baixo, particularmente em razão das incertezas econômicas e políticas no país. O estudo também destacou a orientação do Brasil em investir em energia limpa, uma vez que os investidores estão decididos a buscar uma recuperação sustentável. A UNCTAD afirmou, no relatório de 2021, que o Brasil, assim como muitos países, muito provavelmente não recuperaria o nível anterior à crise antes de 2023 (UNCTAD, 2021, p.63).

O relatório de 2022 da UNCTAD mostra que essa previsão se concretizou, e o IED recebido pelo Brasil em 2021 foi 23% inferior ao IED recebido em 2019 e 15,7% aquém do patamar médio dos cinco anos anteriores à pandemia (US\$ 59,3 bilhões entre 2015 e 2019), o que indica uma recuperação parcial. Para a UNCTAD, os investimentos no agronegócio, na indústria de automóveis, na eletrônica, nas tecnologias de informação e em serviços financeiros levaram a um aumento de 78% no total de IED para o Brasil, que totalizou US\$50 bilhões em 2021 (UNCTAD, 2022, p.15). Os demais principais destinatários da América do Sul também viram seus fluxos de IED aumentar, sustentados por uma maior demanda internacional por commodities e minerais verdes. O IED na região cresceu 74% para US\$ 88 bilhões, impulsionado pela retomada do fluxo em minas e hidrocarbonetos. O relatório também enfatizou que o valor dos projetos *greenfield* e o número de financiamentos internacionais para projetos no Brasil também aumentou 35% e 32%, respectivamente (UNCTAD, 2022, p.15). Um dos maiores projetos *greenfield* anunciados foi a iniciativa da Bravo Motor para produzir veículos elétricos, bem como baterias e componentes no país, em um investimento na ordem de US\$ 4,4 bilhões (UNCTAD, 2022, p.15). Além disso, a organização também destaca o *project finance* internacional para a construção de um parque eólico offshore de 2 GW no Brasil por US\$ 5,9 bilhões, patrocinado pela Ocean Winds, da Espanha (UNCTAD, 2022, p.15). Como enfatiza a UNCTAD,

a privatização do setor elétrico, com a capitalização da Eletrobras, deve continuar sendo uma das principais portas de entrada para o IED no Brasil em 2022 (UNCTAD, 2022, p.62).

Com relação aos *outflows* de investimento do Brasil, o relatório mostra que o país conseguiu retomar os patamares pré-pandemia. O aumento do investimento externo do Brasil alavancou os números da América Latina e do Caribe, que saltaram aos níveis de 2019, com US\$ 42 bilhões. O aumento é principalmente explicado pelo comportamento de investimento das multinacionais brasileiras, já que os US\$13 bilhões negativos, de 2018, se transformaram em US\$23 bilhões positivos em 2021. Os investimentos realizados pelas multinacionais chilenas também colaboraram para a alta da região (UNCTAD 2022, p.21).

4. ÍNDIA

A Índia tem papel de destaque nos relatórios de investimento global da UNCTAD, aparecendo entre as vinte primeiras posições nos rankings de entrada de IED nos últimos anos. A tabela abaixo apresenta o desempenho da Índia no ranking de entrada e saída de fluxos de investimento em 2018, 2019 e 2020:

Tabela 3: Posição da Índia no ranking global de investimentos

Índia	2018	2019	2020	2021
Fluxo de Entrada de Investimentos	12º lugar (US\$ 42 bilhões)	9º lugar (US\$ 51 bilhões)	US\$ 64 bilhões	8º lugar (US\$ 45 bilhões)
Fluxo de Saída de Investimentos	US\$ 11 bilhões	20º lugar (US\$ 13 bilhões)	US\$ 12 bilhões	US\$ 16 bilhões

Fonte: Elaboração própria com base em UNCTAD, 2019, p. 04; 44; UNCTAD 2020, p. 12-15; UNCTAD 2021, p. 50-52, UNCTAD, 2022, p.

4.1 Antes da pandemia

Os investimentos oriundos da Índia têm sido responsável historicamente por cerca de 70% a 80% dos influxos da sub-região do Sul da Ásia, direcionados ao setor fabril, de comunicação e de serviços financeiros. Também vale citar grandes negociações como a aquisição da Flipkart – a maior plataforma de comércio eletrônico da Índia – pela Walmart - Estados Unidos (UNCTAD, 2019, p. 44).

No ano de 2019, a Ásia continuou em primeiro lugar no *inflow* de investimentos, registrando 30% do fluxo global, ou seja, US\$ 474 bilhões. No entanto, isso equivale a uma queda de 5% em relação ao ano anterior. Ao mesmo tempo, o fluxo direcionado à Índia aumentou, alcançando US\$ 51 bilhões, de modo que o país subiu para a oitava posição dentre os que mais atraíram IED (UNCTAD, 2020, p. 12). Para a sub-região do Sul da Ásia, o crescimento de IED foi de 10%, alavancado pelo aumento dos investimentos na Índia, que teve seu IED acrescido de 20%, sustentando a tendência de crescimento no país. A maior parte dos investimentos foi na área de tecnologia de informação e comunicação (TIC) e na indústria de construção (UNCTAD, 2020, p. 43).

Os *outflows* de investimentos da sub-região do Sul da Ásia cresceram 6%, impulsionados por investimentos da Índia. Apesar disso, ainda é pouco expressivo, dado que representa em torno de 1% das saídas globais. As empresas com origem na Índia são as maiores investidoras da sub-região, com mais de 90% dos fluxos de saída em 2019. O que se projetava é que os investimentos da Índia deveriam diminuir em 2020, com as maiores empresas multinacionais revisando seus ganhos devido ao impacto da pandemia (UNCTAD, 2020, p. 45).

4.2 Nos primeiros anos da pandemia

No primeiro trimestre de 2020, o número e o valor dos investimentos *greenfield* diminuíram 4% e 31% respectivamente, e fusões e aquisições (M&A, em inglês) caíram 56% de sua média trimestral de 2019 para \$1,7 bilhões de dólares, o que sinalizou uma inversão da tendência de crescimento na região. Na Índia, o número de anúncios de investimentos *greenfield* caíram em 4% no primeiro trimestre e os M&A contratados em 58%. Entretanto, o IED para a Índia pareceu apresentar uma tendência de crescimento no longo prazo. O que se espera é que o crescimento econômico positivo (embora menor) no período pós-pandêmico, e o grande mercado da Índia continuará a atrair investimentos (UNCTAD, 2020, p. 41).

No Sul da Ásia, em 2020, os dados mostram um crescimento de 20% do IED, para US\$ 71 bilhões, impulsionados por fusões e aquisições na Índia. O IED do país cresceu 27% e, em meio ao combate ao vírus da Covid-19, a

Índia teve um investimento robusto através de aquisições em TIC (softwares e ferragens), além do setor de construção. As fusões e aquisições transfronteiriças aumentaram 83%, para US\$ 27 bilhões, com grandes negócios envolvendo TIC, saúde, infraestrutura e energia. Grandes transações, incluindo a aquisição da Jio Platforms pela Jaa-dhu (uma subsidiária do Facebook) por US\$ 5,7 bilhões, a aquisição do Tower Infrastructure Trust pela Brookfield (Canadá) e GIC (Singapura) por US\$ 3,7 bilhões, bem como a venda da divisão elétrica e de automação da Larsen & Toubro Índia por US\$ 2,1 bilhões. Outro grande negócio foi a fusão da Unilever da Índia com a GlaxoSmithKline Consumer Healthcare India (uma subsidiária da GSK Reino Unido) por US\$ 4,6 bilhões (UNCTAD, 2021, p. 50).

No que tange ao *outflow*, a Ásia foi a única região que registrou crescimento nos fluxos de saída de investimentos, com um aumento de 7%, alcançando US\$ 398 bilhões (UNCTAD, 2021, p. 51). Já a sub-região do Sul da Ásia apresentou queda de 12%, indo para US\$ 12 bilhões, impulsionado por uma queda em investimentos da Índia. As empresas da Índia são as maiores investidoras da sub-região, com mais de 90% dos fluxos de saída em 2020. Esperava-se a estabilização dos investimentos da Índia em 2021, levando em conta a retomada das negociações do acordo de livre comércio do país com a União Europeia (UE) e seu forte investimento na África (UNCTAD, 2021, p. 52).

O relatório da UNCTAD de 2022 apontou que, apesar das diversas ondas da Covid-19 no ano de 2021, o fluxo de entrada de investimento na Ásia subiu pelo terceiro ano consecutivo (UNCTAD, 2022, p. 13). Dessa maneira, a Ásia foi a região que mais recebeu investimentos no mundo, representando cerca de 40% das entradas de IED (UNCTAD, 2022, p. 13). Apesar disso, registrou-se uma contrastante queda de 26% na sub-região do Sul da Ásia (US\$ 52 milhões) (UNCTAD, 2022, p. 13-14).

Na Índia, os fluxos de entrada de investimento diminuíram, alcançando US\$ 45 bilhões em 2021 (UNCTAD, 2022, p. 14). Como mostrado na tabela 3, a queda ocorreu depois de uma curva ascendente que culminou, em 2020, em um fluxo de entrada em US\$ 64 bilhões. Entretanto, a Índia obteve, em 2021, anúncios de acordos de financiamento de novos projetos internacionais, totalizando mais de 108 projetos, em comparação à média de 20 projetos nos últimos dez anos (UNCTAD, 2022, p. 14).

No que tange aos fluxos de saída de IED da Índia, houve um aumento expressivo de 46%, com US\$11 bilhões em 2020 para US\$16 bilhões em 2021 (UNCTAD, 2022, p. 21). Os fluxos de saída do continente asiático de modo geral subiram 4%, atingindo US\$ 394 bilhões, contribuindo com 1/4 dos fluxos de saída globais em 2021 (UNCTAD, 2022, p. 20).

5. ÁFRICA DO SUL

A África do Sul é a segunda maior economia do continente africano e detém de uma das melhores infraestruturas da região. Além disso, o país é um dos membros fundadores da União Africana e da Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD). O país ganha destaque nos relatórios de investimentos global da UNCTAD em função da continuidade de investimentos concentrados na busca de recursos naturais, mas também pelo aumento de projetos de *greenfield* na região. A tabela 4 aponta o fluxo de entrada e saída de investimento da África do Sul em 2018, 2019, 2020 e 2021:

Tabela 4: Fluxo de entrada e saída de investimentos da África do Sul

África do Sul	2018	2019	2020	2021
Fluxo de Entrada de Investimentos	US\$ 5,3 bilhões	US\$ 4,6 bilhões	US\$ 3,1 bilhões	US\$ 41 bilhões
Fluxo de Saída de Investimentos	US\$ 4,6 bilhões	US\$ 3,1 bilhões	US\$ -2,0 bilhões	US\$ 19 bilhões

Fonte: Elaboração própria com base em UNCTAD, 2019, p. 38-39; UNCTAD 2020, p. 34-35; UNCTAD 2021, p. 42-43; UNCTAD 2022, p. 09, 211.

5.1 Antes da pandemia

Antes da pandemia, o relatório da UNCTAD indicou que houve um aumento de 11% na entrada de investimentos no país em 2018 (UNCTAD, 2019, p. 36). Isso ocorreu, principalmente, por causa da continuação de investimentos em recursos naturais, como petróleo e gás, e da expansão (ainda que lenta) de investimentos diversificados em algumas economias, como setores de sustentabilidade (UNCTAD, 2019, p. 36).

A perspectiva da UNCTAD para o continente africano em 2019 era de uma aceleração no crescimento econômico, em função dos progressos na implementação do Acordo da Área de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA)

e a possibilidade de alguns grandes investimentos no que consideram investimentos raízes do continente (UNCTAD 2019, p. 36).

A África do Sul aparece liderando o ranking das cinco principais economias do continente e compõe o ranking das dez maiores economias investidoras no exterior (UNCTAD, 2019, p. 34) em função da sua participação no aumento da entrada de investimento estrangeiro direto no continente africano. Seu IED passou de US\$ 2 bilhões para US\$ 5,3 milhões, e compensou a redução dos fluxos de investimento de diversos países, como por exemplo Nigéria, Egito e Etiópia (UNCTAD, 2019, p. 38).

5.2 Nos primeiros anos da pandemia

O relatório da UNCTAD de 2020 previa que, em função da pandemia da Covid-19, o investimento estrangeiro na África em 2020 diminuiria severamente, espelhando a tendência global. A desaceleração seria ainda mais exacerbada pelo excesso de petróleo nos mercados globais, o que, por sua vez, levaria a baixos preços do petróleo, afetando diretamente os investimentos na região que são orientados pelos recursos energéticos. Ao mesmo tempo, a UNCTAD esperava que poder-se-ia ao menos tirar frutos do Acordo de Zona de Comércio Livre para diminuir os danos econômicos e dos baixos preços do petróleo, além da possibilidade de iniciativas de investimentos para o continente por parte das principais economias desenvolvidas e emergentes, que poderiam vir a ajudar na recuperação (UNCTAD 2020 p. 30).

Segundo a UNCTAD, a África do Sul busca cada vez mais afirmar sua soberania frente aos grandes investidores no país. Por exemplo, o país introduziu um mecanismo de rastreamento para investimentos estrangeiros (*investment screening*). A nova lei prevê a criação de um comitê especial responsável por avaliar se uma fusão envolvendo uma empresa estrangeira pode ter um efeito adverso sobre a segurança nacional (UNCTAD 2020, p. 99).

Em 2019, os fluxos de entrada de IED para a África do Sul diminuíram 15%, passando de US\$ 5.3 bilhões em 2018 para US\$ 4.6 bilhões em 2019 (UNCTAD 2020, p. 34). Ainda nesse cenário de perda de investimento, o relatório aponta, para o ano de 2020, que a entrada de investimentos no país diminuiu 39%, totalizando em US\$ 3,1 milhões. Os principais setores receptores do IED na África do Sul são a mineração, indústria transformadora (automóveis, bens de consumo) e serviços (finanças e bancos) (UNCTAD 2020, p. 34).

No que tange à saída de IED em 2019, o relatório chama atenção para o fato de uma parte significativa da saída de IED dos países africanos serem fluxos intra-continentais, baseado em alguns grandes investimentos de

multinacionais sul-africanas e marroquinas dentro do continente (UNCTAD, 2020, p. 35). Assim, a África do Sul foi responsável por uma parte considerável dos *outflows* do continente, particularmente a empréstimos intra-empresa.

Em 2020, a queda de IED foi muito severa nas economias dependentes de recursos naturais devido aos preços baixos do petróleo e à diminuição da procura de matérias-primas energéticas (UNCTAD 2021, p. 40). A UNCTAD aponta que os fluxos de IED o continente africano diminuíram 16% em 2020, passando de US\$ 47 milhões em 2019 para US\$ 40 milhões em 2020. Além disso, projetos de *greenfield* que vinham tomando forma na região tiveram uma redução de 62%, dificultando uma diversificação de investimentos na região (UNCTAD, 2021, p. 40). De acordo com a UNCTAD, as transações das economias desenvolvidas caíram consideravelmente, e em contraste, as transações das economias em desenvolvimento aumentaram, especialmente as transações da China. A China vem cada vez mais investindo na África do sul, principalmente em infraestrutura (UNCTAD, 2021.p. 40-41). A participação da China no continente aumentou em mais de seis vezes, saindo de US\$ 131 milhões em 2019 para US\$ 844 milhões em 2020 (UNCTAD 2021, p. 42).

No que tange à entrada de investimentos, durante a Terceira Conferência de Investimento da África do Sul, em novembro de 2020, o Google anunciou que investiria cerca de US\$ 140 milhões em um cabo submarino de fibra óptica que proporcionará conectividade à internet de alta velocidade no país, o que acaba por aquecer os investimentos, mesmo que estes sejam suscetíveis a retração em função das condições econômicas e epidemiológicas desfavoráveis (UNCTAD, 2021, p. 44).

Já em relação aos *outflows* em 2020, a África do Sul teve seu investimento externo negativo em US\$ 2 bilhões devido ao fato de as multinacionais sul-africanas repatriarem capital de países estrangeiros. (UNCTAD 2021, p. 43) Ao mesmo tempo, a empresa sul-africana *Pioneer Foods* adquiriu a *PepsiCo* em 2020, e o Grupo MTN, de origem sul-africana, anunciou investir US\$ 1,6 bilhões para fortalecer seus serviços de rede 4G na Nigéria (UNCTAD, 2021, p. 42; 44).

Em 2021, ascensão econômica na África contribuiu para o aumento em 30% dos fluxos de IED, atingindo US\$ 83 bilhões em 2021, comparado a US\$ 39 bilhões em 2020 (UNCTAD, 2022, p. 12). Em relação à África do Sul, o país atingiu US\$ 41 bilhões na entrada de investimentos (UNCTAD, 2022, p. 09). Este aumento significativo foi inflacionado por uma única grande transação financeira que ocorreu no país: a troca de ações entre as empresas Naspers e Prosus no terceiro trimestre de 2021. Dentre os anúncios de novos projetos, o de energia limpa se destaca com o valor de US\$ 4,6 bilhões, projeto patrocinado pela Hive Energy (Reino Unido), e um projeto *greenfield* de US\$ 1 bilhão da Vantage Data Centers (Estados Unidos) (UNCTAD, 2022, p. 12).

No entanto, apesar da tendência geral de entrada de investimentos no continente africano ser positiva, o total de anúncios de projetos *greenfield* continuaram baixos, atingindo US\$ 39 bilhões em 2021 se comparado a US\$ 32 bilhões em 2020, ficando abaixo do registrado em 2019, quando alcançou US\$ 77 bilhões. Já os projetos de financiamento internacional direcionados a África subiram 26%, com forte crescimento nas indústrias extrativas, sendo os europeus os maiores detentores de ativos estrangeiros no continente, liderado por Reino Unido e França (UNCTAD, 2022, p. 12-13).

Em relação a saída de investimentos, a África do Sul registrou US\$ 19 bilhões, apresentando expressivo aumento em relação ao valor negativo de US\$ 2 bilhões em 2020 (UNCTAD 2022, p. 211).

6. RÚSSIA

Desde 2014, a Rússia já vinha sofrendo com algumas sanções econômicas aplicadas por alguns países do Ocidente. O cenário da pandemia, que se estabeleceu em 2020, contribuiu para uma intensificação das dificuldades que o país atravessava, como pode ser observado pela tabela a seguir.

Tabela 5: Posição da Rússia no Ranking Global de Investimentos

Rússia	2018	2019	2020	2021
Fluxo de Entrada de Investimentos	20º lugar (US\$ 13 bilhões)	15º lugar (US\$ 32 bilhões)	US\$ 10 bilhões	10º lugar (US\$ 38 bilhões)
Fluxo de Saída de Investimentos	11º lugar (US\$ 36 bilhões)	15º lugar (US\$ 22 bilhões)	US\$ 6 bilhões	8º lugar (US\$ 64 bilhões)

Fonte: Elaboração própria com base em UNCTAD, 2019, p. 04-07; UNCTAD 2020, p. 12-15; UNCTAD 2021, p. 66-69; UNCTAD 2022, p. 09-21.

As chamadas "economias em transição", que compõem as regiões do Leste Europeu e da Ásia Central, mantiveram uma tendência de queda de *inflows* de IED em 2018. O maior responsável por essa tendência é a Federação Russa, que de 2017 para 2018, teve uma queda de 49% nas entradas de investimento estrangeiro

ro, passando de US\$ 26 milhões para US\$ 13 bilhões aproximadamente. Essa queda levou o país a passar da 14^a para a 20^a posição no ranking das maiores economias receptoras de investimento (UNCTAD 2019, p. 04).

A queda dos fluxos de investimento para a Rússia é justificada através da precaução dos investidores por questões geopolíticas, além do baixo crescimento do PIB do país. O patrimônio líquido sofreu uma queda histórica de US\$ 9 bilhões para negativos US\$ 6 bilhões, representando uma queda de US\$ 15 bilhões de um ano para outro, devido à prática de *divestments* (quando estrangeiros vendem ações que mantêm em outros países para nacionais daquele país em questão) e *de-offshoring* (uma política do governo russo que visa evitar que firmas russas estabeleçam suas sedes ou parte considerável de seu capital em outros países). Por outro lado, outros fatores que compõem o *inflow* de IED para um país, como o reinvestimento de lucros dos investidores, se manteve estável em US\$ 17 bilhões (UNCTAD 2019, p. 56). Ainda, é relevante notar a queda de 79% das fusões e aquisições empresariais (M&As, em inglês). A única aquisição de grande porte registrada no ano de 2018 foi a da Japan Tobacco, com sede em Genebra, adquirindo a *Donskoy Tabak* (UNCTAD 2019, p. 57)

É importante destacar que apesar do cenário pessimista, a Rússia se beneficiou de dos fluxo intra-regionais de investimento na região asiática. Em 2018, por exemplo, a Rússia recebeu um conjunto de investimentos feitos pela multinacional sul-coreana Samsung na forma de centros de inteligência artificial, com instalações em Moscou (UNCTAD 2019, p. 45).

Quanto às saídas de IED, a Federação Russa foi a sétima maior investidora, no ano de 2018, no próprio grupo do qual faz parte de "economias em transição". À sua frente estavam Holanda, Chipre, França, China, Alemanha e Itália (UNCTAD 2019, p. 54). Em 2018, a Rússia conseguiu manter níveis estáveis de *outflows*, observando um pequeno aumento de 7%, atingindo o valor de US\$ 36 bilhões. Isso se deve principalmente ao reinvestimento de lucros e de pequenas expansões pontuais de investimento. Entre as "economias em transição", a Federação Russa representa cerca de 95% do total de *outflows* desses países (UNCTAD 2019, p. 58). Com isso, ela se manteve estável também no ranking das maiores economias emissoras de investimentos, passando da 11^a para a 12^a colocação. Apesar de ter apresentado um crescimento de *outflows*, a Rússia perdeu uma colocação devido ao crescimento relevante que a Holanda apresentou de 2017 para 2018 (UNCTAD 2019, p. 06-07).

Boa parte das multinacionais russas demonstraram precaução em relação à expansão internacional, o que resultou em uma queda de 50% de aquisições externas. Parte da precaução advém das sanções internacionais que

o país vinha recebendo desde 2014, o que acabava afetando as multinacionais sediadas em território russo. As 15 maiores multinacionais russas eram responsáveis por cerca de um terço do *outflow* do país. Seis dessas empresas são estatais: Gazprom, Rosneft e Zarubezhneft, do setor de óleo e gás, Sovkomflot e Russian Railways, do setor de transportes, e Atomenergoprom, do setor de energia nuclear. Outras, como a Lukoil, Severgroup e Evraz, fazem parte de diferentes setores como óleo e gás, aço, químicos e diversos conglomerados. A expectativa da UNCTAD era de que esses investimentos aumentassem, resultando no crescimento do investimento externo na região devido ao comprometimento prévio de projetos *greenfield* por multinacionais de origem russa (UNCTAD 2019, p. 58-59).

6.1 Nos primeiros anos da pandemia

Ainda em 2019, apesar das expectativas mais conservadoras do relatório da UNCTAD, as “economias em transição” recuperaram parcialmente as quedas da entrada de investimento estrangeiro dos anos anteriores e apresentou um crescimento de 59% (atingindo US\$ 55 bilhões) dos fluxos de entrada de IED. Estes números foram alavancados pela Ucrânia, pelo Uzbequistão (que passava por um momento de liberalização econômica) e principalmente pela Federação Russa, que atingiu um aumento de aproximadamente 140% de *inflows* (alcançando US\$ 32 bilhões), comparativamente ao ano anterior (UNCTAD 2020, p. 58). Com isso, a Rússia se recolocou no ranking internacional de investimento estrangeiro, passando do vigésimo para o décimo-quinto lugar (UNCTAD 2020, p. 12).

Mesmo assim, a Federação Russa está em um nível 40% mais baixo do que o registrado em 2013. O crescimento do *inflow* apresentado em 2019 pode parecer contra intuitivo quando se observa os números em queda de M&As e aquisições de ações de empresas russas, sofrendo um declínio de dois terços em relação ao ano anterior, pelo segundo ano consecutivo. Ao mesmo tempo, o reinvestimento de lucros continuou apresentando resultados crescentes (atingindo US\$ 20 bilhões em 2019), além de uma recuperação considerável de patrimônio líquido, que havia caído para US\$ 6 bilhões negativos no ano anterior e se recuperou para US\$ 11 bilhões em 2019 (UNCTAD 2020, p. 58).

Apesar dos números positivos de *inflows* registrados para a Rússia em 2019, o relatório da UNCTAD, lançado em meados de 2020, alerta para as consequências e os impactos da pandemia na região. A UNCTAD projetou que as “economias em transição” sofreriam uma queda de 38% em 2020, dentro da média de declínio global devido à pandemia. Isso se agrava para a Rússia quando se considera que o crescimento do PIB em 2019 já havia sido tímido

do, apresentando apenas 2% de crescimento. Além disso, o relatório previa que a Rússia passaria por uma pressão de baixa nos preços das *commodities* devido a uma considerável diminuição na demanda por matérias-primas (UNCTAD 2020, p. 56).

Quanto aos *outflows*, a Federação Russa continua sendo a maior responsável (cerca de 95%) por todos os fluxos das chamadas "economias em transição". Esse grupo de países sofreu, em 2019, uma queda de 37% dos investimentos comparativamente com o ano anterior, caindo para o valor de US\$ 24 bilhões. Isso se explica devido à maior cautela para expansão de investimentos no exterior das multinacionais russas diante das sanções sofridas pelo país e da crescente restrição que vinha sendo imposta no acesso ao mercado internacional e à tecnologia, principalmente por países desenvolvidos (UNCTAD 2020, p. 59).

Essa queda de *outflows* foi amenizada, em parte, pelo surgimento de oportunidades de investimento em novos mercados. A empresa estatal Gazprom Neft expandiu, em 2019, sua produção de óleos e combustíveis para a região curda do Iraque e a empresa Navatek iniciou um projeto de gás natural líquido no Vietnã. Naquele ano, Moscou demonstrou interesse em fortalecer os laços econômicos com a África, criando incentivos governamentais que resultaram no início de vários pequenos projetos de investimento russo no continente africano (UNCTAD 2020, p. 60). Essas dinâmicas posicionam a Rússia no 15º lugar no ranking internacional econômico dos *outflows*. Entretanto, isso representou uma queda de posições, visto que no ano anterior o país figurou em 10º lugar neste ranking (UNCTAD 2020, p. 15).

Com a pandemia, a previsão realizada pela UNCTAD para Rússia era de que se observasse uma queda ainda maior em *outflows*. As 36 maiores multinacionais russas revisaram suas projeções de ganhos em uma média de 41% para baixo. Essas perdas afetariam a capacidade de reinvestimentos de lucro por parte das empresas russas (UNCTAD 2020, pp. 57-58).

No esforço de apresentar políticas que incentivem e diversifiquem as oportunidades de investimentos do país, a Rússia apresentou, em abril de 2020, um conjunto de acordos para a proteção e promoção de investimentos como parte de uma nova série de políticas de investimentos. Esses acordos deveriam ser firmados entre agentes públicos e investidores privados, almejando atingir estabilidade em tarefas de importação, medidas de apoio estatal e regulação do uso da terra, além de taxas ecológicas e ambientais (UNCTAD 2020, p. 101).

De maneira geral, as projeções realizadas pela UNCTAD foram acertadas em relação aos impactos da pandemia para a economia russa. O ano de 2020 marcou uma queda de aproximadamente 70% dos *inflows* de IED para a Federação Russa, reduzindo para o volume de US\$ 9,7 bilhões. Essa queda se justifica pela pandemia e pela pressão de baixa nos preços de matérias-primas, devido à redução mundial da demanda. Outro fator que agravou esta dinâmica de preços e impactou na queda de investimentos foi a disputa política entre Rússia e Arábia Saudita em março de 2020 em relação ao preço de combustíveis. Adicionalmente, o PIB da Rússia sofreu uma diminuição de 3,1% em 2020 (UNCTAD 2021, p. 66). Em consequência, o país deixou de figurar entre os 20 primeiros do ranking internacional de *inflows* de IED da UNCTAD.

A imprevisibilidade da pandemia no início de 2020 resultou em grandes quantidades de repatriação de empréstimos e investimentos por empresas que atuavam financeiramente no país. O segundo semestre do ano apresentou uma discreta recuperação desses investimentos, especialmente vindos de países como França, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos. A proximidade territorial também favoreceu a manutenção de investidores chineses e finlandeses. Apesar de sofrer com a queda de preços de *commodities*, a indústria de óleo e gás ainda foi a maior responsável pela manutenção de certos investimentos externos em território russo. Importante salientar que projetos do *Russian Direct Investment Fund* em inteligência artificial, agronegócio e energia renovável, com parcerias estrangeiras, almejando captar IED, foram interrompidos em 2020 (UNCTAD 2021, p. 67).

A partir dos efeitos da pandemia, o governo russo pretendia promover mais políticas de promoção de investimentos através de reembolsos em projetos de infraestrutura e de empréstimos subsidiados. A expectativa do Kremlin era de que 1.000 acordos deste tipo fossem celebrados até 2024, cobrindo cerca de US\$ 180 bilhões em termos de investimento externo direto (UNCTAD 2021, p. 67).

Em termos de *outflows*, o país teve uma diminuição de 71%, reduzindo o volume de investimentos externos para US\$ 6,3 bilhões. As multinacionais russas sofreram duplamente com a pandemia e com a redução nos preços do petróleo e derivados internacionalmente. Os maiores projetos de multinacionais russas no exterior partiram da Novolipetsk Steel, que realizou uma obra de construção civil na Índia no valor de US\$ 508 milhões, e da Vimpel-Com, que financiou projetos de telecomunicações no Uzbequistão e no Cazaquistão (UNCTAD 2021, p. 70).

6.2 O conflito na Ucrânia

O cenário sobre investimentos já agravado com a pandemia tornou-se ainda mais complexo com o início do conflito armado na Ucrânia, em fevereiro de 2022. Muitas empresas se comprometeram a reduzir, suspender ou encerrar por completo as operações em território russo em razão das sanções econômicas. No ramo de bens de consumo e varejo, multinacionais como a Unilever interromperam operações internas, além de importações e exportações relacionadas à Rússia. Danone e Nestlé reduziram operações e o envio de produtos que chamam de supérfluos, mas continuam operando no país sob o argumento de continuar o fornecimento alimentício da população. (THE NEW YORK TIMES 2022)

No mercado de energia, a Shell encerrou parcerias com a Gazprom e a Exxon Mobil se afastou de grandes projetos de gás e petróleo em território russo. Bancos ocidentais também anunciaram um recuo das operações na Federação Russa. Deutsche Bank e Goldman Sachs anunciaram querer reduzir gradativamente suas operações no país, auxiliando seus clientes a migrarem seus investimentos. Ainda no ramo financeiro, bandeiras de cartão de crédito como Visa, Mastercard e American Express deixaram de funcionar em solo russo. Conglomerados de mídia como Disney, Warner e Sony anunciaram a interrupção de operações comerciais e estreia de produções cinematográficas no país. (THE NEW YORK TIMES 2022). Além de serviços de streaming como Netflix e Spotify, que também pararam momentaneamente de funcionar (PRATER 2022).

As cadeias de restaurantes multinacionais, como o McDonald's, também fecharam seus estabelecimentos (THE NEW YORK TIMES 2022). Ao mesmo tempo, a empresa continua pagando seus funcionários, mesmo com as operações interrompidas. Por questões logísticas, financeiras, contratuais e até morais, não é tão simples encerrar as atividades em todo um país, especialmente com as dimensões da Rússia. O caso do Burger King é particular e merece atenção pelo fato de que a empresa é operada por terceiros no território russo, e os operadores se recusam a encerrar a produção e a oferta de serviços alimentícios no país. São mais de 800 restaurantes que levam o nome e os produtos da marca. Contratualmente, por se tratar de uma joint venture, a diretoria da sede da empresa se encontra sem solução para esta questão (VALINSKY 2022).

Para além dos exemplos das empresas e multinacionais que decidiram agir em resposta à deflagração da invasão russa na Ucrânia, alguns dados apurados pela UNCTAD ajudam a compreender o impacto do conflito. No ano de 2021, por exemplo, houve uma restauração dos níveis pré-pandêmicos de políticas de investimento, com

uma redução de 28% em relação a 2020, sinalizando uma descontinuidade das políticas de caráter emergencial.

No entanto, estas políticas retornaram a níveis maiores que os pandêmicos nos primeiros três meses de 2022, devido a sanções e contra-sanções adotadas que impactaram os IED da Rússia e de Belarus, devido ao contexto bélico instaurado. Foram 75 novas medidas de políticas de investimento nestes primeiros meses do ano, representando um recorde nesse campo, e 70% dessas medidas foram realizadas por motivos relacionados ao conflito. Dentre as sanções direcionadas à Federação Russa, foram observadas cortes e imposições à bancos russos e suas subsidiárias, restrições de comércio de bens e tecnologia, bloqueios de empresas de transporte e carga com grandes impactos para as *supply chains* globais, além de restrições de viagens e congelamento de bens no exterior (UNCTAD 2022, p. 58). Ou seja, o conflito na Ucrânia, que vem gerando impactos na produção de *commodities* de alimentos e combustível, e um ressurgimento de casos de coronavírus na China, representam fatores de risco que devem reduzir novamente a quantidade global de IED para níveis anteriores ao recuperado em 2021 (UNCTAD 2022, p. 2).

A conclusão do relatório da UNCTAD (2022, pp. 3-4) é de que o conflito na Ucrânia traz dificuldades na recuperação do IED e da economia global em 2022, um momento de fragilidade econômica mundial após a pandemia. Isso significa que os fluxos de investimento serão afetados por crises humanitárias e de segurança, por choques macroeconômicos resultantes do conflito, por altas nos preços de energia e alimentos e pela crescente incerteza dos investidores diante dos riscos apresentados. Para a Rússia, especificamente, será possível observar a suspensão de investimentos que já existem no país, o cancelamento de projetos já anunciados, a saída de multinacionais do país e uma perda massiva de ações e capital econômico e político no mercado global. O relatório estima que as multinacionais de países economicamente desenvolvidos que apoiam as sanções representam cerca de 1/3 do total de IED atualmente na Rússia. As 10 multinacionais que mais possuíam ações na Rússia em 2021 e fazem parte dos países ocidentais que apoiam as sanções são Fortum, da Finlândia, Renault e TotalEnergies, da França, BP e Shell, do Reino Unido, Exxon Mobil e PepsiCo, dos Estados Unidos, Carlsberg, da Dinamarca, Japan Tobacco, do Japão, e Siemens, da Alemanha. São empresas multinacionais dos ramos automobilístico, óleo e gás, alimentício, tabaco e maquinário (ibid.). Desde o início do conflito, em 24 de fevereiro de 2022, cerca de 5 mil multinacionais revisaram suas operações, o que naturalmente reflete também nos seus investimentos externos, não só na Rússia, mas em todo o planeta.

7. REFERÊNCIAS

HERE Are Some of the Companies That Have Pledged to Stop Business in Russia. **The New York Times**, Nova York, 29 de março de 2022. Business. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/article/russia-invasion-companies.html>>. Acesso em: 07 mar 2022.

NA Rússia, é difícil ficar e é complicado sair. **Valor Econômico**, 22 de março de 2022. Empresas. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/03/22/na-russia-e-dificil-ficar-e-e-complicado-sair.ghtml>>. Acesso em: 08 mar 2022.

PRATER, Erin. Spotify pulls out of Russia, citing crackdown on news outlets: here are the companies still staying in Russia. **Fortune**, 25 de março de 2022. International. Disponível em: <<https://fortune.com/2022/03/25/besides-koch-industries-halliburton-and-subway-which-companies-are-still-operating-in-russia-more-than-you-might-think/>>. Acesso em: 08 mar 2022.

ROMERO, Felipe. Zelensky pede que empresas francesas “deixem de patrocinar a guerra”. **CNN Brasil**, São Paulo, 23 de março de 2022. Internacional. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/zelensky-pede-que-empresas-francesas-deixem-de-patrocinar-a-guerra/>>. Acesso em: 07 mar 2022.

UNCTAD. World Investment Report: Special Economic Zones. United Nations Conference on Trade and Development, 2019. Disponível em https://unctad.org/system/files/official-document/wir2019_en.pdf (acessado em Dezembro 2021)

UNCTAD. World Investment Report: International Production Beyond the Pandemic. United Nations Conference on Trade and Development, 2020. Disponível em https://unctad.org/system/files/official-document/wir2020_en.pdf (acessado em Janeiro 2022)

UNCTAD. World Investment Report: Investing in Sustainable Recovery. United Nations Conference on Trade and Development, 2021. Disponível em https://unctad.org/system/files/official-document/wir2021_en.pdf (acessado em Fevereiro de 2022)

UNCTAD. World Investment Report: International Tax Reforms and Sustainable Investment. United Nations Conference on Trade and Development, 2022. Disponível em https://unctad.org/system/files/official-document/wir2022_en.pdf (acessado em junho de 2022)

VALINSKY, Jordan. Dono de franquia do Burger King na Rússia se recusa a fechar 800 restaurantes. **CNN Brasil**, São Paulo, 18 de março de 2022. Business. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/dono-de-franquia-do-burger-king-na-russia-se-recusa-a-fechar-800-restaurantes/>>. Acesso em: 08 mar 2022.

AUTORES/AS

Ana Garcia é Diretora do BRICS Policy Center e Professora Adjunta do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio

Rafaela Mello é mestre em Relações Internacionais pelo IRI/PUC-Rio e assistente de pesquisa no BRICS Policy Center.

João Carmino Sciammarella é graduando em Relações Internacionais pelo IRI/PUC-Rio.

Felipe Queiroz é graduando em História com domínio adicional em política internacional I e II pelo departamento de História/PUC-Rio.

Victor Fernandes é graduando em Relações Internacionais pelo IRI/PUC-Rio e assistente de pesquisa no BRICS Policy Center.

Maria Eduarda Lopes é graduanda em Relações Internacionais pelo IRI/PUC-Rio, pesquisadora pela REBRAPAZ no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), Estagiária no Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (CINDES) e Coordenadora de Pessoas no Women Inside Trade Starters.

BPC MONITOR

OS IMPACTOS DA PANDEMIA NOS FLUXOS DE INVESTIMENTOS DOS PAÍSES BRICS:

uma análise preliminar a partir dos relatórios sobre investimentos globais da UNCTAD



SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS

TWITTER @bricspolicy
INSTAGRAM @bricspc
FACEBOOK @bricspolicycenter
YOUTUBE /bricspolicycenter1



CONFIRA AS NOSSAS PUBLICAÇÕES

ACESSE O SITE: www.bricspolicycenter.org



PROGRAMAS DE PESQUISA



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS





BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS



Rua das Laranjeiras 307 - Laranjeiras - Rio de Janeiro
RJ - Brasil / CEP: 22240-004

WWW.BRICSPOLICYCENTER.ORG

